

Basílio Teles: da crença num Deus onnipotente à crença na onnipotência da ciência

Celeste Natário
Universidade do Porto

“Só o sentimento vale, tudo se resolve em sentimento: nesta fórmula está toda a concepção transcendental.”

“Se o Deus transcendental da religião, em vez de símbolo moral, fosse uma realidade objectiva (como se nos revela, e se nos impõe, o universo chamado impropriamente material), com toda a certeza a Ciência o encontraria nas suas investigações dessa imensidade exterior, e dela acharia a expressão que as faculdades do homem permitissem”.

Basílio Teles, in *Prometeu Agrilhado*

Basílio Teles, “o grande irmão-inimigo de Sampaio Bruno”, como se lhe referiu José Marinho, teve como trave-mestra do seu pensamento filosófico a preocupação com a problemática do mal, que a ambos, a Basílio Teles e a Sampaio Bruno, muito interessou, ainda que por vias diversas, como se depreende da lapidar expressão de José Marinho.

Com efeito, ao contrário de Sampaio Bruno, que procurou conciliar a existência de Deus e do mal, através da admissão de uma misteriosa “queda em Deus” – que o terá tornado inonnipotente, “diminuído”, ainda que, como ressalva, “em quantidade não na qualidade, na potência não na essência”¹ –, já Basílio Teles põe em causa não só a “omnipotência de Deus” como, em última instância, a própria

¹ Cf. *A Ideia de Deus*, pref. de Pinharanda Gomes, Porto, Lello, 1998 (3ª), p. 241.

“existência divina”, por considerar inconciliáveis a realidade do mal e a existência de Deus. Dado que “o mal existe e é real”, Deus não pode existir – eis, em suma, a sua tese, que, derivando da impossibilidade de conciliação entre estes dois planos, o conduzirá ao ateísmo.

Foi, em particular, n’ *O Livro de Job* (1912), uma sua tradução com comentário, que Basílio Teles mais desenvolveu esta sua tese, manifestando, concomitantemente, a sua desilusão para com a teodiceia clássica, ao mesmo tempo que exalta o homem, de modo prometeico. A escolha desse texto bíblico para tradução e comentário é, aliás, por si só, significativa. Basílio Teles refere-se-lhe como uma “epopeia do infortúnio”, aí residindo, na sua perspectiva, o seu valor.

O estudo que o pensador português apresenta no final da sua tradução vai ter certa continuidade em *A Questão Religiosa* (1913), ainda que aí a relação entre a Religião e a Ciência se apresente com maior centralidade. De referir ainda, a respeito desta problemática, a tradução, igualmente com comentário, que Basílio Teles fez da obra de Ésquilo, *Prometeu Agrilhado* (1914). São, claramente, estas as três obras onde Basílio Teles enuncia e desenvolve, ainda que não por inteiro, a temática da “obra filosófica” que confessou ter em mente na “explicação prévia” à sua tradução e comentário a *O Livro de Job*².

Em qualquer destas três obras, contudo, o “tenebroso problema do mal” – como se lhe referiu³ – não chega a ser objecto de análise em si mesmo, mas, sobretudo, motivo de reflexão histórica e cultural, o que não significa, porém, que a sua tese sobre o mal, como algo de perfeitamente incompreensível, não denote pressupostos de cariz científico e filosófico. O atento pensador, situando o mal como uma força presente na natureza e no homem, vai concluir pela sua permanência ao longo da história, não só a nível individual como social, considerando que só pela ciência se poderia encontrar uma saída coerente, com base numa exigência de “lógica” e na utilização inevitável da “dialéctica”⁴.

Só assim, considerou ainda, se poderia fazer face à inoperância e decadência de uma teodiceia sem a menor validade, chegando mesmo a apontar que o caminho da religião teria que ser salvo pela ciência e pelo “espírito científico”, o grande legado da Grécia Antiga, dado que a metafísica do mal, na sua perspectiva, só encontraria saída pela via de uma teoria da ciência. Tal como a Geração de 70 preconizava a modernização de Portugal por via de um corte com o passado e pela

² *O Livro de Job* – tradução em verso (com um estudo sobre o poema), Porto, Lello & Irmão, 1912, p. VIII.

³ *Ibid.*, p. 186.

⁴ *Ibid.*, p. 184.

sua aproximação ao figurino cultural da Europa, preconizava Basílio Teles que a problemática do mal não poderia continuar a ser perspectivada e modelada pelo ultrapassado transcendentalismo da religião católica, mas sim em consonância com o “espírito científico”, a grande força motriz dos novos tempos.

Sabemos bem que a questão religiosa, sempre ao longo do tempo determinante, pelas mais diversas implicações, na vivência das culturas e da mentalidades, tem, pensamos, uma dimensão anterior e quase primordial, “inscrita”, talvez, na própria natureza humana, expressa, em muitos homens, pela ânsia, talvez desmedida, do absoluto, com tradução, segundo António Braz Teixeira, “no português, talvez mais do que em qualquer outro europeu”, o que, alegadamente, tem sido “causa tão frequente dos seus êxitos e fracassos, a apetência de regresso a uma perdida ou sonhada harmonia e perfeição de que emerge o sentimento de saudade”⁵.

Apesar de ter sido educado na religião católica, “pela mais terna e mais sinceramente piedosa das mães”⁶, e com ela erguendo as mãos para o céu, para o alto, “numa prece ingênua e fervorosa”⁷, o pensador português, vai, no confronto com o que ele diz resultar da manifestação da inteligência crítica, mudar radicalmente a sua atitude, proclamando mesmo não aceitar nenhum credo desde os 16 anos. Ainda que não conteste o que de positivo a ideia de Ser supremo contém, perante toda a dor, todo o sofrimento e toda a injustiça do mundo, o tradutor d’ *O Livro de Job* diz que não pode prestar culto a um Deus que parece “consentir que as maiores infâmias se pratiquem”, acrescentando, “sendo-lhe por igual indiferente a ira feroz do verdugo e o caloroso gemido da vítima”⁸.

Face a um Ser que supostamente seria capaz de impedir toda a dor, todo o sofrimento e toda a injustiça do mundo, mas que, como é manifesto, não o faz, Basílio Teles reivindica “a mais completa liberdade de juízo acerca da sua justiça e misericórdia”, o que o leva à negação da existência de um Absoluto e de um destino transcendente para o homem e para o próprio Universo, ficando assim, este, privado de qualquer fim superior. Por isso, escreve Basílio Teles, “o Universo não evolue para um destino ético – ao contrário do que pensava o nobre espírito de Antero – para um fim superior de beleza natural, de santidade”⁹. Eis, em suma, a

⁵ Cf. *Deus, o Mal e a Saudade: estudos sobre o pensamento português e luso-brasileiro contemporâneo*, Lisboa, Fund. Lusíada, 1993, p. 61.

⁶ *O Livro de Job*, ed. cit., p. 177.

⁷ *Ibid.*, p. 178.

⁸ *Ibid.*, pp. 183-184.

⁹ *Ibid.*, p. 184.

sua perspectiva, a nosso ver latente desde o início, dadas as premissas pessimistas e decadentistas que sustentaram a sua reflexão filosófica, que, pensamos, ficou aquém do cabal enfrentamento da questão do mal e do que de profundo e essencial há na Natureza.

Confessando-se “obsidiado pelo facto de que o mal é incompreensível”, Basílio Teles acaba por ser conduzido para uma *crença* científicista, já que a ciência, conforme defende, “implica sempre conhecimento e soluções racionais, a conformidade livre e consciente do homem, portanto, com uma Natureza inteligível e com leis verificáveis, por ser criação pura do espírito, em que nenhum mistério, contradição ou incoerência grave se toleram”¹⁰. Contudo, perante o mal e o sofrimento infligidos sobretudo aos inocentes, são todos vencidos, não só os cientistas a que chama “homens de indagação”, como também os padres, “homens de tradição”¹¹. Face a esta situação, sem aparente saída, o positivismo de Basílio Teles desemboca num ateísmo que, na nossa perspectiva, é no mínimo inconsequente, pelos limites com os quais a existência humana fica confrontada.

Na busca da coerência, perante o problema do mal, Basílio Teles acaba por atribuir à ciência muito mais do que ela podia oferecer, o que porventura decorre da própria natureza da existência humana, que não se pode resumir nem ser condicionada por exclusivos pressupostos científicos. Para mais, a saída científica desemboca igualmente num beco sem saída. Com efeito, perguntamos: de que serve a sua exaltação prometeica do homem, se a ciência, a grande “deusa”, também ela, à semelhança da ideia do Deus transcendente, onipotente e onisciente, não recoloca nem diminui o mal, nem a dor, nem o sofrimento? Basílio Teles diz-nos apenas que se um dia for possível a explicação e a compreensão do “incompreensível”, ou seja, do mal, de toda a dor, de todo o sofrimento e de toda a injustiça do mundo, é à ciência e somente a ela que caberá esse papel. Mas não será essa crença na capacidade da ciência uma crença ainda mais ingénuo do que a crença num Deus transcendente, onipotente e onisciente? Fica a questão.

¹⁰ Ésquilo, *Prometheu agrilhoado*, tradução de Basílio Teles com um estudo a propósito da Tragédia, Porto, Lello & Irmão, 1914, p. 116.

¹¹ Cf. *O Livro de Job*, ed. cit., p. 115.